



## AGRONEGÓCIO GLOBALIZADO E (RE)ESTRUTURAÇÃO URBANO-REGIONAL NO BRASIL

Denise Elias<sup>1</sup> - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8384-0990>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará, Ceará, Brasil\*

*Artigo recebido em 18/08/2022 e aceito em 18/08/2022*

### RESUMO

A reestruturação econômica que caracteriza o período histórico atual atinge também a agropecuária, resultando na difusão do agronegócio globalizado no Brasil. Esses processos contribuem para a explicação de diversas novas dinâmicas socioespaciais que vêm sendo observadas e são responsáveis pela (re)estruturação do espaço agrícola, urbano e regional em várias partes do país. Como resultados, podemos destacar: aumento da densidade técnica-científica-informacional no espaço agrícola; nova distribuição de funções produtivas pelo território; difusão de especializações territoriais produtivas; intensificação da divisão social e territorial do trabalho; novas relações campo-cidade; intensificação da urbanização da sociedade e do território; (re)estruturação urbano-regional, entre outros. Os principais objetivos deste trabalho são: avançar nos estudos sobre as novas tendências da urbanização brasileira associadas ao agronegócio globalizado; compreender os processos de (re)estruturação urbano-regional no âmbito da difusão do agronegócio; debater a noção de região produtiva do agronegócio e apresentar os elementos de identificação e caracterização da mencionada região. Esperamos que o presente artigo contribua para trazer esse debate para a comunidade acadêmica, no intuito de avançar nas formulações propostas com vistas a aperfeiçoar o caminho analítico que vem sendo trilhado.

**Palavras-chave:** agronegócio globalizado; relações campo-cidade; (re)estruturação urbano-regional; regiões produtivas do agronegócio; Brasil.

\* Bacharela e licenciada em Geografia e doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), Pós-doutora pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/PP) e pela UFRJ com estágio na Université de Paris 8/LADYSS. É professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE e pesquisadora do CNPq. E-mail: [deniseliasgeo@gmail.com](mailto:deniseliasgeo@gmail.com)

## **GLOBALIZED AGRIBUSINESS AND URBAN-REGIONAL (RE)STRUCTURING IN BRASIL**

### **ABSTRACT**

The economic restructuring that characterizes the current historical period also affects agriculture, resulting in the spread of globalized agribusiness in Brazil. These processes contribute to the explanation of several new socio-spatial dynamics which have been observed. They are also responsible for the (re)structuring of agricultural space, urban and regional space in various parts of the country. Among the results, it should be highlighted: the increase in technical-scientific-informational density in the agricultural space; the new distribution of productive functions across the territory; diffusion of productive territorial specializations; the intensification of the social and territorial division of labor; new country-city relations; the intensification of urbanization of society and of territory; urban-regional (re)structuring, among others. The main objectives of this article are: to advance in studies on new trends in Brazilian urbanization associated with globalized agribusiness; to understand the processes of urban-regional (re)structuring at the heart of the diffusion of agribusiness; to debate the notion of productive agribusiness region and present the elements of identification and characterization of the mentioned region. We hope that this article contributes to bringing this debate to the academic community, in order to advance in the proposed formulations intending to improve the analytical path that has been followed.

**Keywords:** globalized agribusiness; country-city relations; urban-regional (re)structuring; productive agribusiness region.

## **AGROBUSINESS MONDIALISÉ ET RESTRUCTURATION URBAINE-RÉGIONALE**

### **RÉSUMÉ**

La restructuration économique qui caractérise la période historique actuelle touche aussi l'agriculture, résultat de la diffusion de l'agrobusiness mondialisé au Brésil. De tels processus sont au cœur de l'explication de beaucoup de nouvelles dynamiques socio-spatiales et sont responsables de la restructuration de l'espace agricole, urbain et régional dans de nombreuses parties du pays. Cela mène à différentes conséquences, parmi lesquelles: l'augmentation de la densité technico-scientifique-informationnelle dans l'espace agricole; une nouvelle distribution de fonctions productives sur le territoire; une accentuation de spécialisations productives; une intensification de la division social et territoriale du travail; de nouvelles relations ville-campagne; une intensification de l'urbanisation de la société et du territoire; une restructuration urbaine et régionale, entre autres. Parmi les principaux objectifs de ce projet, nous distinguons : avancer dans les études sur les nouvelles tendances de l'urbanisation brésilienne à partir de l'agrobusiness mondialisé; comprendre les processus de restructuration urbaine et régionale au cœur de la régionalisation promu par l'agrobusiness; débattre de la notion de Région productive de l'agrobusiness; présenter les éléments d'identification et de caractérisation de la région mentionnée; alimenter le débat dans les communautés académiques en vue d'avancer dans les formulations de la notion de RPA exposée, afin de perfectionner le long et sinueux chemin analytique; travailler la notion dans le contexte des études géographiques actuelles, dans la perspective d'une possible consolidation conceptuelle de cette idée.

**Mots-clés:** agrobusiness mondialisé; relations ville-campagne; restructuration urbaine-régionale; régions productives de l'agrobusiness; Brésil.

## **INTRODUÇÃO<sup>1</sup>**

O objetivo principal deste artigo é discutir os processos de especialização territorial produtiva e de (re)estruturação urbano-regional no Brasil relacionados à difusão do agronegócio globalizado. Como metodologia, sistematizamos temas e processos que pesquisamos nos últimos anos sobre a agropecuária brasileira, marcada pela reestruturação produtiva, pelo neoliberalismo e pelo capital financeiro. O recorte temporal corresponde ao período entre a década de 1970 até o presente.

O artigo é composto por três seções, além das considerações finais e desta introdução. A primeira fornece uma brevíssima caracterização do que entendemos por agronegócio globalizado, trazendo uma visão crítica sobre o tema. Na segunda seção, apresentamos a tese – que defendemos nas últimas três décadas – de que o modelo econômico, social, político e territorial de produção agropecuária preconizado com a globalização vem promovendo parte da urbanização do Brasil nas últimas quatro décadas, além de gerar inúmeros processos de (re)estruturação urbano-regional e muitas novas e complexas relações campo-cidade. Entre os efeitos desses processos, temos a configuração de especializações territoriais produtivas, resultando em novas regionalizações, as quais denominamos regiões produtivas do agronegócio, foco principal da terceira seção.

## **BREVE CARACTERIZAÇÃO DO AGRONEGÓCIO GLOBALIZADO**

Inicialmente, é importante descrever, ainda que brevemente, o que entendemos por agronegócio globalizado, considerando-se os principais agentes e processos associados à sua difusão no Brasil. Embora hoje seja utilizada de forma indiscriminada, a expressão agronegócio passou a ter uso corrente no país há apenas duas décadas e, apesar de sua pouca idade, já assume caráter polissêmico, carregada de ideologia e mitos, o que reforça a necessidade de apresentarmos uma visão crítica sobre o tema.

Diferentes autores já destacaram que o capitalismo, em sua fase atual, está ancorado em um tripé destrutivo, baseado na reestruturação produtiva, no neoliberalismo e sob o comando do capital

---

<sup>1</sup> O presente artigo é uma versão revisada de partes de texto debatido e publicado nos Anais do XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Enanpur).

financeiro. É nesse mesmo tripé que estão ancoradas as metamorfoses da atividade agropecuária brasileira das últimas décadas, culminando no que hoje se convencionou chamar de agronegócio.

Como a própria etimologia da palavra explicita (agro + negócio), entre os seus principais objetivos, está a obtenção de lucro e renda da terra, com a produção de muitas novas mercadorias voltadas aos mercados urbano, nacional e internacional, de alimentos, *commodities* e agrocombustíveis. Considerando-se os principais fatores de produção da atividade agropecuária, entre as características de sua reestruturação produtiva, temos o capital e a tecnologia intensivos, especialmente buscando relativizar um dos principais problemas para a acumulação ampliada no setor: a significativa diferença entre o tempo de produção e o tempo de trabalho, sendo o primeiro sempre superior ao segundo (ELIAS, 2003).

Houve grandes investimentos para a transformação das forças produtivas do setor, através da adoção de pacotes tecnológicos<sup>2</sup> fortemente alicerçados na ciência, tecnologia e capital intensivos, reestruturando os sistemas técnicos agrícolas, difundindo um padrão standardizado de produção. Isso resultou em um expressivo aumento da produtividade e da produção, além de uma ocupação mais intensiva da terra. Até mesmo das pouco propícias à atividade agropecuária em moldes capitalistas passaram a se inserir nesse novo contexto devido às novas forças produtivas.

Como agentes principais do agronegócio globalizado, podemos citar as grandes empresas e corporações agrícolas, agroindustriais e agroquímicas, incluindo os principais agentes do capitalismo contemporâneo, ou seja, o capital financeiro através de vários de seus instrumentos, tal como dos fundos de investimentos, acirrando o processo de financeirização da agropecuária. Faz-se mister destacar, que só é possível compreender a dinâmica de produção e acumulação do agronegócio globalizado, englobando os agentes que já atuavam no setor, como os proprietários de terra, os agricultores etc.

Não podemos deixar de citar o papel do Estado como agente da consolidação do agronegócio globalizado, apoiando todas as transformações através de políticas econômicas gerais e de estratégias de crescimento agrícola (política econômica externa, monetária e de controle de preços agrícolas) e mediante políticas explícitas de fomento agrícola (financiamento rural, tecnológica e fundiária),

---

<sup>2</sup> Conjunto de insumos químicos, sementes geneticamente modificadas, agrotóxicos, tratores, colheitadeiras, entre muitos outros.

tentando abranger todos os níveis envolvidos com a modernização do setor, como já tão bem destacou Delgado (1985), ainda na década de 1980.

No que tange à terra, promove-se verdadeira apropriação da natureza pelos principais agentes do agronegócio. Segundo Oliveira (2004), teríamos tanto a territorialização do capital no espaço agrário, quanto a monopolização do território pelo capital. Cada vez mais, a terra de trabalho transforma-se em terra de negócio (MARTINS, 1980), intensificando a concentração fundiária e aumentando ainda mais a extensão das propriedades onde o agronegócio se realiza.

Um dos processos relacionados a esse contexto consiste na dispersão espacial da produção agropecuária, com a ocupação massiva de novas extensões de terras, estendendo sobremaneira a fronteira agrícola e gerando uma intensa substituição das vocações naturais pelas imposições econômicas,<sup>3</sup> substituindo-se a produção de alimentos básicos para a população brasileira (arroz, feijão, mandioca etc.) pela de *commodities* especialmente voltadas à exportação, o que afeta as formas de uso e ocupação do espaço agrícola. Paralelamente, difundem-se especializações territoriais produtivas e, conseqüentemente, ocorre uma intensificação da divisão social e territorial do trabalho, com o aumento das trocas e dos fluxos.

Um exemplo emblemático desses processos é a ocupação do Centro-Oeste com a produção de grãos, especialmente soja. Mais recentemente, essa produção intensiva também vem se espalhando pelo Semiárido nordestino e pela Amazônia, em áreas originalmente de matas e florestas naturais, que deveriam ser de proteção permanente, ocasionando a devastação dos biomas através dos desmatamentos, além de promover uma intensa erosão genética, responsável pela diminuição da biodiversidade local.

Esse contexto causa ainda significativas transformações das relações sociais de produção, com a expulsão e expropriação de milhares de pequenos agricultores, quilombolas, ribeirinhos, geraizeiros, povos originários, entre outros, que há séculos tinham parte da sua sobrevivência baseada em diversas atividades extrativistas e de pequena produção, com modos de vida marcados pela forte vinculação

---

<sup>3</sup> Isso faz com que em pleno Semiárido cearense, por exemplo, com períodos cíclicos de seca, permaneça a produção de frutas tropicais (especialmente melão) entre seus mais importantes produtos da pauta de exportações.

com a natureza. Muitos dos saberes e fazeres historicamente construídos por essas populações vêm sendo exterminados na mesma velocidade que a superexploração do trabalho é difundida.<sup>4</sup>

Outra característica basilar do agronegócio é sua interdependência com outros setores econômicos, que incluem a produção agropecuária propriamente dita, como a produção industrial, que produz os bens de produção para a agropecuária<sup>5</sup> ou que transforma a produção agropecuária<sup>6</sup>, assim como o setor de comércio e de serviços, uma vez que o agronegócio requer uma grande quantidade de produtos e serviços especializados.<sup>7</sup>

Assim, para se estudar o agronegócio globalizado, é necessário levar em conta seu caráter intersetorial, abrangendo não só a atividade agropecuária em si, mas também atividades industriais, comerciais, de serviços etc. Também é essencial considerar a produção em rede, englobando as áreas de produção agropecuária propriamente ditas, além de áreas relativas a todos os fixos e fluxos, sistemas de objetos e sistemas de ação associados<sup>8</sup>, distribuídos por diferentes países em várias partes do planeta.

O agronegócio globalizado não se realiza somente no campo, mas ocorre em uníssono com o espaço e a economia urbanos em vários extratos da rede urbana. Da mesma forma, extrapola a escala do lugar, da região ou do país, uma vez que seus circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação<sup>9</sup> só se complementam, associando diferentes partes do mundo. Assim, não é possível entender o agronegócio globalizado sem a realização de estudos multiescalares.

As cidades, com seus diferentes extratos na rede urbana, são nós fundamentais da rede de relações econômicas, sociais, políticas e territoriais do agronegócio, pois são palco da gestão do agronegócio e da elaboração das normas, além de ser sedes das grandes corporações que dominam o

---

<sup>4</sup> O corte da cana-de-açúcar ainda hoje é um exemplo da superexploração do trabalho no campo brasileiro. No final da década de 1970, um boia-fria cortava cerca de 3,5 toneladas/dia. Hoje, nas áreas onde a colheita ainda é pouco mecanizada, esse percentual pode chegar entre 12 e 15 toneladas/dia.

<sup>5</sup> Sementes geneticamente transformadas, máquinas agrícolas, insumos químicos, rações, vacinas veterinárias etc.

<sup>6</sup> As agroindústrias, como a agroindústria alimentar, composta pela fabricação de bebidas, laticínios, torrefação e moagem de café, abate e preparação de produtos de carne, fabricação de massas alimentícias etc.

<sup>7</sup> A gama de produtos e serviços é extensa, tais como insumos químicos, laboratórios de pesquisa biotecnológica, serviços de *marketing*, logística, exportação, aviação aérea, empresas de aluguel de tratores, de contratação de mão de obra, publicidade etc.

<sup>8</sup> Sobre sistemas de objetos e sistemas de ação, consultar Santos (1996).

<sup>9</sup> Sobre os circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação ver Santos (1986, 1993, 1996) e Elias (2003).

agronegócio. Nas cidades, estão as indústrias que produzem as máquinas e implementos agrícolas, os insumos, os bancos, as bolsas de valores e os trabalhadores, sejam especializados ou não.

Dessa forma, a cidade exerce papel de destaque na divisão social e territorial do trabalho do agronegócio, sendo essencial para sua consolidação. A difusão do agronegócio globalizado envolve um conjunto cada vez mais numeroso e complexo de relações entre o campo e a cidade, incluindo-se as metrópoles. Desse modo, o agronegócio globalizado não compõe somente o campo ou mundo rural, mas requer uma relação intrínseca, complementar e dialética com o urbano.

Para finalizar esta brevíssima apresentação sobre o que entendemos por agronegócio globalizado, é importante recapitular a tese que defendemos há cerca de três décadas (ELIAS, 2003, 2006a, 2006b, 2008, 2015), segundo a qual o modelo econômico, social, político e territorial de produção agropecuária preconizado com a globalização financeira se associa a uma parte importante da urbanização em várias áreas do Brasil, assim como a inúmeros processos de (re)estruturação urbano-regional e muitas novas relações entre o campo e a cidade, notadamente desde os anos 1980. As seções seguintes serão dedicadas a alguns desses processos.

## **AGRONEGÓCIO GLOBALIZADO E URBANIZAÇÃO DISPERSA E FUNCIONAL**

Discutiremos a seguir a tese por nós defendida segundo a qual é possível identificar municípios e regiões no Brasil, cuja intensificação da urbanização, assim como a constituição de novas regionalizações, se devem diretamente à consecução e à expansão do agronegócio globalizado. Em face de seu caráter espacialmente seletivo, socialmente excludente e ambientalmente insustentável, a reestruturação produtiva da agropecuária acirra a divisão social e territorial do trabalho. Concomitantemente, processam-se a fragmentação do espaço agrícola, o incremento da urbanização e novas especializações territoriais produtivas. A busca de explicações desses processos nos leva a considerar a forte integração da atividade agropecuária aos circuitos da economia urbana, desenvolvendo-se uma extensa gama de novas relações entre o espaço agrícola racionalizado e os espaços urbanos próximos. Essas relações estão atreladas às demandas produtivas de serviços e produtos especializados por parte das empresas relacionadas ao agronegócio, assim como para o armazenamento e escoamento da produção.

Dessa forma, o agronegócio globalizado desempenha um papel fundamental para a intensificação da urbanização e para o crescimento de cidades locais e de porte médio, fortalecendo-

as em termos demográficos e econômicos. Nessas cidades, se realiza parte da materialização das condições gerais de reprodução do capital do agronegócio globalizado, quando elas passam a exercer novas funções e a compor importantes nós, pontos ou manchas do agronegócio, como fornecedoras de mão de obra (especializada e braçal), recursos financeiros, insumos químicos, máquinas agrícolas e assistência técnica agropecuária, dinamizando relações campo-cidade, a economia urbana e a reorganização urbano-regional.

Quanto mais dinâmico for o agronegócio e quanto mais globalizados forem os seus circuitos espaciais da produção e seus círculos de cooperação, maiores e mais emaranhadas se tornam as relações entre campo e cidade inseridas em regiões agrícolas. Assim, a difusão do agronegócio explica, em parte, a expansão do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1994; ELIAS, 2003) e a urbanização em diferentes áreas do país. Esses fatos contribuíram para que a urbanização brasileira deixasse de ser predominantemente litorânea, como ocorreu durante séculos, desencadeando transformações em áreas antes não consideradas para produções agrícolas mais intensivas, como partes das regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste, onde tem se expandido a produção pecuária, de grãos, de frutas tropicais, de cana-de-açúcar etc. desde a década de 1980.

Para atender às demandas do agronegócio globalizado, novos fixos artificiais se sobrepõem à natureza em parte dos espaços agrícolas (armazéns, silos, indústrias de processamento, terminais de carga, escritórios das empresas agrícolas, centros de capacitação, alojamentos para trabalhadores agrícolas, *packinghouses*), (re)produzindo esses espaços e ampliando a complexidade dos seus sistemas de objetos. O resultado é uma remodelação desses espaços, que se tornam cada vez mais rígidos, mais rugosos.<sup>10</sup>

Como a gestão desse agronegócio necessita da sociabilidade e dos espaços urbanos, a (re)estruturação territorial ocorre também nos espaços urbanos próximos, o que explica parcialmente a interiorização da urbanização promovida pelas novas relações estabelecidas pelas atividades associadas ao agronegócio e desencadeadas pelas demandas de produtos e serviços especializados, incrementando o consumo produtivo (SANTOS, 1988) do agronegócio (ELIAS, 2003, 2015). Isso elucida, em parte, a reestruturação do território e a organização de um novo sistema urbano brasileiro, muito mais complexo do que há 30 ou 40 anos, invalidando algumas explicações sobre a rede e a hierarquia urbanas clássicas (cidades maiores tendo as menores como tributárias) que valiam até então.

---

<sup>10</sup> Sobre rugosidades no espaço, consultar Santos (1988).

Em todas as áreas de expansão do agronegócio no Brasil, é visível o crescimento da urbanização e de aglomerados urbanos, assim como a subdivisão e criação de novos municípios, tanto em áreas que já se destacavam pela produção agrícola, como nas regiões Sul e Sudeste, quanto em outras mais recentemente ocupadas com tal tipo de produção. Várias cidades classificadas como pequenas ou de porte médio<sup>11</sup> têm parte importante de sua economia associada a alguma produção agrícola e/ou agroindustrial, compondo exemplos de urbanização funcional vinculada ao agronegócio.

Tal situação se dá principalmente porque o agronegócio impõe especializações territoriais profundas, aproximando-nos do que Santos (1988, 1993, 1996, 2000) chamou de produção de espaços corporativos, nos quais as empresas (re)produzem o espaço ao sabor de suas necessidades. Assim, as demandas das produções agrícolas e agroindustriais intensivas têm o poder de adaptar os espaços próximos – agrícolas ou urbanos – às suas demandas, pouco importando as necessidades das populações locais.

Muitas atividades disseminam-se por todas as áreas de difusão do agronegócio globalizado, podendo-se citar: as casas de comércio de implementos agrícolas, de sementes, grãos, fertilizantes; os escritórios de *marketing* e de consultoria contábil; os centros de pesquisa biotecnológica; as empresas de assistência técnica, de transportes de carga; os serviços de especialistas em engenharia genética, veterinária, meteorologia, agronomia, economia, administração pública; os cursos técnicos de nível médio; os cursos superiores voltados ao agronegócio. Isso mostra que parte do processo produtivo dessas atividades, incluindo sua gestão, é urbana.

Nas áreas onde o agronegócio se propaga mais rapidamente e há mais tempo, a diversidade e o grau de complexidade dos produtos e serviços aos quais é possível ter acesso são surpreendentes. Exemplificamos com o caso da Região de Ribeirão Preto (SP), uma das mais antigas do agronegócio globalizado do estado de São Paulo, associada à produção e transformação industrial da cana-de-açúcar e de suco de laranja. Ainda no início da década de 1980, uma filial do escritório da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) instalou-se na cidade homônima, serviço até então restrito às principais capitais do país.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Sobre cidades médias sugerimos, entre outros, os trabalhos de Sposito (2010a, 2010b).

<sup>12</sup> Para uma leitura sobre o agronegócio e a respectiva relação com a urbanização da região de Ribeirão Preto, consultar Elias (2003).

O aumento da produção não material nos espaços urbanos não metropolitanos nas áreas de difusão do agronegócio se deve ainda ao crescimento populacional e à revolução do consumo, esta última erigida sob os auspícios do consumo de massa, multiplicando o número de estabelecimentos comerciais e de serviços de uma gama de segmentos.

Os elementos que estruturam essas relações campo-cidade e o crescimento da população urbana também podem ser encontrados, como já citamos, sob a forma de apropriação privada da terra, resultando na expulsão daqueles que não detêm a propriedade da terra, o que gerou intensos movimentos de êxodo rural nas décadas de 1960 e 1970. Em um primeiro momento, esse êxodo ocorreu especialmente nas regiões Sudeste e Sul, expandindo-se para as demais regiões nas décadas seguintes, com processos de migração não só inter-regional, mas também e intrarregional.

Por outro lado, a partir da década de 1980, passaram a ocorrer movimentos distintos de migração, como o da mão de obra especializada, oriunda muitas vezes das metrópoles, para as áreas de difusão do agronegócio. Esse fato marca uma nova dinâmica populacional, quando milhares de trabalhadores especializados passaram a deixar as metrópoles do país, se dirigindo para cidades médias ou pequenas com forte dinamismo econômico. Essa realidade também aponta para o incremento das relações assalariadas na atividade agropecuária, seja de trabalhadores braçais ou especializados.

Os fenômenos da macrourbanização e de metropolização, característicos do processo de urbanização brasileira desde os anos 1960, como os processos da dispersão espacial da produção – entre elas do agronegócio – e da especialização produtiva do território, passaram a promover, a partir da década de 1980, o crescimento de cidades de portes médio e pequeno, tornando mais densa e complexa a rede urbana brasileira, uma vez que se intensificam tanto os fatores de dispersão quanto os de concentração.

Entre os resultados dos processos supracitados, temos uma significativa remodelação do território e a organização de novo sistema urbano, assim como a formação de novas regionalizações, frutos de especializações territoriais produtivas. Para o caso presente, processa-se, em última instância, a produção de regiões especializadas e corporativas concernentes ao agronegócio globalizado, as quais chamamos de regiões produtivas do agronegócio (RPAs) (ELIAS, 2006a, 2015, 2017), conceito que será discutido na seção a seguir.

## **AGRONEGÓCIO GLOBALIZADO E ESPECIALIZAÇÃO TERRITORIAL: AS REGIÕES PRODUTIVAS DO AGRONEGÓCIO**

Nesta seção, descreveremos o que chamamos de regiões produtivas do agronegócio (RPAs), além de esclarecer alguns de seus fundamentos, evidenciando as dinâmicas socioespaciais oriundas do agronegócio globalizado.

Diante das demandas da produção agropecuária globalizada, a RPA é um recorte espacial formado por modernos espaços agrícolas extremamente racionalizados e por espaços urbanos não metropolitanos (especialmente cidades pequenas, mas também cidades médias). Esses subespaços, em forte e permanente simbiose e metamorfose, formam nós, pontos ou manchas do agronegócio globalizado e são perpassados pelos circuitos espaciais de produção e pelos círculos de cooperação de importantes *commodities* ou outras produções agropecuárias de destaque. Isso ocorre tanto nas fronteiras agrícolas – as quais chamamos de lugares de reserva, utilizando Santos (1993), inseridos mais recentemente ao agronegócio globalizado e exemplificados sobretudo por casos das regiões Norte e Nordeste e partes do Centro-Oeste –, quanto nas regiões agrícolas há mais tempo integradas aos circuitos espaciais da economia do agronegócio globalizado, fortemente concentradas nas regiões Sudeste e Sul.

As regiões produtivas do agronegócio são as áreas detentoras dos mais expressivos investimentos produtivos, públicos e privados, inerentes ao agronegócio globalizado. Elas representam suas regiões mais competitivas, onde se encontram partes dos circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação de *commodities* agrícolas, que evidenciam a dinâmica territorial do agronegócio. Nas RPAs, as grandes corporações são os principais agentes produtores do espaço agrícola, urbano e regional.

As relações campo-cidade e a urbanização intensificam-se concomitantemente às mudanças nas formas de uso e ocupação do espaço agrícola, dadas as transformações das condições sociais e técnicas da estrutura agrária – sobretudo da concentração da estrutura fundiária, as mudanças nos regimes de exploração do solo e de relações de trabalho, bem como o conjunto de técnicas e métodos adotados na produção agrícola e na pecuária –, uma vez que o agronegócio necessita também de processos ocorridos no espaço urbano próximo às áreas de produção agrícola e agroindustrial, estimulando o crescimento de cidades totalmente funcionais, as quais passam a exercer novas funções, como a gestão local e regional de atividades relativas ao agronegócio.

Determinados processos agem como causa e efeito da formação das RPAs. Desse modo, ampliam a dialética na organização do espaço brasileiro, evidenciando significativas fragmentações do espaço, com permanentes processos de (re)estruturação urbano-regional. Tal realidade acirra a refuncionalização dessas regiões e leva à difusão de especializações territoriais produtivas, denotando-se inúmeras seletividades, seja da organização da produção, seja da dinâmica dos respectivos espaços. Em última instância, as RPAs são áreas especializadas e corporativas,<sup>13</sup> meras regiões do fazer (SANTOS, 1993), concernentes ao agronegócio globalizado. Portanto, as RPAs são espaços de exclusão e de toda sorte de desigualdades socioespaciais (ELIAS, 2003, 2006b).

Cada vez mais abertas a influências exógenas a aos novos signos do período atual, as RPAs constituem frações do espaço total do agronegócio globalizado, com predomínio dos circuitos locais e regionais. Existem porque sobre elas se impõem arranjos organizacionais, criadores de coesão baseada em racionalidades de origens distantes, mas que se tornam o fundamento de sua existência e definição. A RPA é resultado do impacto das forças externas/modernizantes e da capacidade de suas virtualidades, lugar funcional do agronegócio globalizado, onde se realiza, em especial, a produção agropecuária propriamente dita. Como objeto e sujeito da economia globalizada, é um espaço que nada mais tem de autônomo, não sendo fechado sobre si mesmo nem independente do restante do mundo. Ao contrário, deve interagir permanentemente com outras regiões, permitindo, em última instância, a acumulação ampliada do capital do agronegócio (ELIAS, 2011).

Como o agronegócio globalizado se realiza sob a dialética entre a ordem global e a ordem local, as RPAs estão ligadas diretamente aos centros de poder e consumo em níveis nacional e mundial, com as quais as escalas local e regional se articulam permanentemente, e o território se organiza com base em imposições do mercado, comandado por grandes empresas e corporações nacionais e multinacionais. Desse modo, novos espaços de fluxos rápidos, inerentes às empresas agrícolas e agroindustriais, surgem nessas regiões, onde as verticalidades têm predominância sobre as horizontalidades.<sup>14</sup> Em contrapartida, as horizontalidades são extremamente difundidas, haja vista a expansão das atividades econômicas, o aumento da população, a chegada dos novos agentes econômicos representativos das atividades modernas de comércio e serviços associados ao consumo consumptivo (SANTOS, 1988), os inúmeros e diários fluxos de matéria e de informação etc.

---

<sup>13</sup> Sobre espaço corporativo, consultar Santos (1979, 1993, 2000) e Elias (2003).

<sup>14</sup> Sobre verticalidades e horizontalidades, consultar Santos (1988,1996).

É fundamental destacar que RPAs em nada lembram a forma mais clássica inerente ao conceito de região, como foi por longo período entendido e trabalhado pela Geografia. Segundo essa acepção, uma região seria dotada de certa autonomia, independentemente das relações com o restante do país e com o sistema mundial, sendo marcada por certa imobilidade dos fatores de produção e muito fechada em si mesma.

Longe da solidariedade orgânica que era o próprio cerne da definição do fenômeno regional, as RPAs devem ser estudadas como lugares funcionais de circuitos espaciais da produção e de círculos de cooperação da produção de importantes *commodities*, cada vez menos resistentes às ingerências exógenas e aos novos signos do período histórico atual, comandados por algumas empresas hegemônicas do setor, tornando-se regiões do fazer (SANTOS, 1993) do agronegócio globalizado.

Concordamos com Santos (1988, 1994), ao afirmar que os lugares nunca foram tão distintos uns dos outros, visto que o tempo acelerado, ao acentuar a diferenciação dos eventos, aumenta a diferenciação dos lugares. O mesmo se aplica ao estudo das regiões produtivas do agronegócio, que também apresentam muitas distinções entre si, sobretudo porque cada *commodity* possui exigências próprias de insumos químicos, serviços, força de trabalho, tecnologia, capital, maquinário etc., o que resulta em arranjos territoriais produtivos diversos.

As RPAs abarcam somente uma parte dos circuitos espaciais da produção e dos círculos de cooperação do agronegócio globalizado, notadamente os locais e regionais. Os demais só podem ser visualizados quando se consideram todas as etapas do processo produtivo da *commodity* a ser estudada, pois muitos deles não ocorrem na RPA ou mesmo no país. Basta lembrarmos, por exemplo, que a maior parte da soja produzida no Brasil tem como destino o mercado internacional. Logo, tais regiões são um lugar funcional do agronegócio globalizado, caracterizando-se como extremamente corporativas, sob o julgo das corporações, nas quais as populações locais exercem pouquíssima ou nenhuma ingerência efetiva sobre as respectivas produções agrícolas e agroindustriais que nelas ocorrem.

A configuração de uma região produtiva do agronegócio, de maneira geral, não respeita os limites político-administrativos oficiais, de modo que uma mesma RPA pode ser formada por municípios de diferentes Estados.<sup>15</sup> Algumas dessas delimitações, embora não existam oficialmente, são reconhecidas pelas populações locais e empresas atuantes nas respectivas regiões.

---

<sup>15</sup> Como exemplo, citamos o que reconhecemos como uma região produtiva do agronegócio de frutas, principal produtora de melão do país, formada por municípios tanto do Ceará quanto do Rio Grande Norte, que tem na cidade média de

Portanto, para se delimitar espacialmente uma RPA de modo preciso, é necessário cuidado, pois, em face da dinâmica dos processos adjacentes ao agronegócio globalizado, seus limites são permanentemente alterados. Mesmo que assim não fosse, é sempre difícil, no início de uma pesquisa sobre essas regiões, saber exatamente quais os limites a serem considerados, já que só os estudos efetivamente mostrarão seu desenho mais preciso.

É mister reconhecer também a existência de especificidades nas formas de produção e apropriação do espaço agrícola e urbano nas diferentes regiões produtivas do agronegócio. Todas merecem atenção em um país de grandes dimensões e diversidades como o Brasil, à medida que se amplia o movimento de ocupação do território brasileiro de forma mais articulada à economia internacional. São essenciais, portanto, estudos específicos que permitam conhecer efetivamente as mudanças em curso e os papéis desempenhados pelos espaços agrícolas, urbanos e regionais associados ao agronegócio globalizado.<sup>16</sup>

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos últimos 50 anos, as dinâmicas socioespaciais no Brasil têm sido cada vez mais rápidas e complexas, de modo que as tentativas de compreensão dessa realidade necessitam acompanhar esse dinamismo. Esperamos que a leitura do presente texto suscite em alguns dos leitores o interesse em pesquisar os temas e/ou processos aqui trabalhados (ou ao menos parte deles), os quais demandam ainda muita reflexão para melhor compreendermos as geografias, as economias, as sociedades e os territórios do agronegócio no Brasil.

É importante ressaltar a inviabilidade de continuarmos a considerar apenas as antigas relações campo-cidade, assim como as relações hierárquicas clássicas da rede urbana e das divisões regionais para compreender o Brasil do presente. A realidade deve ser explicada de forma mais elaborada ao invés de simplesmente continuarmos dividindo o Brasil da forma clássica, entre urbano e rural ou campo e cidade. Qualquer possibilidade deve considerar os novos processos de urbanização e de regionalização que ocorrem em associação ao agronegócio globalizado.

---

Mossoró (RN) sua principal centralidade urbana. Já realizamos alguns estudos sobre essa região, assim como orientamos trabalhos de pesquisa de iniciação científica e de pós-graduação (mestrado e doutorado). Sobre o tema, consultar, entre outros, Elias e Pequeno (2010), que sintetiza pesquisa realizada conjuntamente com a Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), no âmbito do edital Casadinho, do CNPq.

<sup>16</sup> Em Elias (2017), discutimos uma proposta metodológica para estudos sobre regiões produtivas do agronegócio.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pelo financiamento de parte das pesquisas que embasaram os temas aqui discutidos.

## REFERÊNCIAS

DELGADO, G. da C. **Capital Financeiro e Agricultura no Brasil**. São Paulo: Ícone/Ed. UNICAMP, 1985.

ELIAS, Denise. **Globalização e agricultura**. São Paulo: EDUSP, 2003.

ELIAS, Denise. Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão. **Revista Nera (UNESP)**, v. 1, n. 8, p. 29-51, 2006a.

ELIAS, Denise. Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil. **Scripta Nova**, v. 1, p. 59-81, 2006b.

ELIAS, Denise. Redes agroindustriais e urbanização dispersa no Brasil. **Scripta Nova**, v. XII, p. 74-96, 2008.

ELIAS, Denise. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR)**, v. 13, p. 153-170, 2011.

ELIAS, Denise. Consumo produtivo em regiões do agronegócio. *In*: BELLET, C.; MELAZZO, E.; SPOSITO, M. E.; LLOP, J. M. (Org.). **Urbanización, producción y consumo en ciudades medias / intermedias**. PP: UNESP; Lleida: Edicions de la Universitat, 2015. p. 35-56.

ELIAS, Denise. Construindo a noção de Região Produtiva do Agronegócio. *In*: OLIVEIRA, H. C. M.; CALIXTO, M. J. M. S.; SOARES, B. R. (Org.). **Cidades médias e região**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 19-55.

ELIAS, D.; PEQUENO, R. Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamentos das desigualdades socioespaciais. *In*: SPOSITO, M. E.; ELIAS, D.; SOARES, B. R. (Org.). **Agentes econômicos, reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARTINS, J.S. **Expropriação e violência**. São Paulo: Hucitec, 1980.

OLIVEIRA, A. U. de. Geografia agrária: perspectivas no início do século XXI. *In*: OLIVEIRA, A. U. De; MARQUES, M. I. M. (Org.). **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção social**. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.

SANTOS, M. *O Espaço Dividido*. Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, M. Circuitos espaciais da produção: um comentário. *In*: SOUZA, M. A. A.; SANTOS, M. (Orgs.). *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, 1986.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Hucite, 1994.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. São Paulo: Hucitec, 2000.

SPOSITO, M. E. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. **Revista de Geografia**, v. 35, p. 51-62, 2010a.

SPOSITO, M. Formas espaciais e papéis urbanos: as novas qualidades da cidade e do urbano. **Cidades**, v. 7, p. 125-147, 2010b.